



## Palácio dos Capitães Gerais

Construído entre 1591 e 1678 para Colégio dos Jesuítas, com a expulsão destes em 1760 foi incorporado na Coroa. Após a criação da Capitania Geral dos Açores, em 1766, que transformou Angra na capital dos Açores, foi destinado a residência do Capitão-General, tendo então sofrido obras de adaptação à nova função. Serviu de Paço Real duas vezes, primeiro em 1832, durante as lutas liberais, quando lá viveu o Regente D. Pedro, e depois, em 1902, durante a visita dos reis D. Carlos e D. Amélia. Foi ainda sede da Perfeitura dos Açores, serviu para instalar o governo civil e militar do Distrito de Angra do Heroísmo, e hoje é residência oficial do Presidente do Governo Regional dos Açores.

# A igreja do Colégio de Angra do Heroísmo

A igreja do Colégio dos Jesuítas em Angra, dedicada a Santo Inácio de Loiola, é um dos grandes templos da cidade, junto com a Sé, a Misericórdia e São Francisco. Foi construída a partir de 1637, integrada no programa que a Companhia de Jesus ali se propunha implantar desde a sua chegada em 1570. O arquiteto, Bento Tinoco, um jesuíta que ali esteve para desenhar a igreja (e possivelmente o Colégio), além de se ter guiado pelos exemplos canónicos das igrejas de Gesù (Roma) e S. Roque (Lisboa), também soube tirar partido do terreno escolhido. Daí a feliz implantação elevada sobre a cidade, com a fachada virada ao centro cívico e com um vasto adro, que já no séc. XIX receberia uma escadaria de belo efeito cenográfico.

O essencial do templo, com o teto de caixotões de cedro da ilha das Flores e que substituiu a prevista abóbada de pedra, estava concluído em 1651, quando foi transferido o Santíssimo Sacramento do edifício do Colégio para o altar-mor. Este era da responsabilidade régia e por isso no fecho do arco triunfal estão as armas de Portugal sobrepostas à Cruz de Cristo, porque os Jesuítas vinham para Angra enviados pelo rei, administrador da Ordem de Cristo, e dele recebiam uma renda para as despesas da missão. Na restante obra empenharam-se eminentes famílias locais, que patrocinaram a construção de capelas e a decoração do templo. No entanto, os meios disponibilizados não foram suficientes, pois em 1760, quando os jesuítas foram expulsos de Por-

tugal, a igreja ainda não se encontrava concluída.

É um templo de uma só nave, o que obriga a uma atenção fixada no altar-mor, onde se situa o sacrário e o trono do Santíssimo Sacramento. A talha dourada dos altares, tão característica do engenho português, tem nesta igreja uma verdadeira antologia. O altar-mor, o primeiro a ser decorado, é um bom exemplar do chamado estilo jesuítico, com um corpo central para instalar o sacrário e o trono de adoração do Santíssimo Sacramento (modificado em 1804 para se albergar a imagem de N.ª S.ª do Carmo), e quatro nichos laterais que expunham os principais santos da Companhia: Inácio de Loiola, Francisco de Borja, Francisco Xavier e Estalísnau. Os restantes retábulos, dois laterais ao altar-mor e seis no corpo da igreja, vão desde o maneirismo, com nichos para imagens e pouca ou nenhuma pintura de cavalete, passando pelo gosto à romana, de menos talha e grandes superfícies cobertas de quadros com figuras de santos ou cenas bíblicas, até típicos retábulos barrocos, com sobrecarregada decoração de onde emerge imaginária de grande dramatismo.

A pintura exposta, ainda que de desigual qualidade, é uma das maiores riquezas do templo. Sobressai a que ornamenta o altar de São Domingos, da autoria de Bento Coelho da Silveira, e a do altar de São Francisco Xavier, com cenas da vida do santo, atribuídas à escola de André Reinoso. Porém, a joia, é uma Santa Úrsula, de escola portuguesa do séc. XVI. A imaginária também

é variada, desde imagens de feitura local, dos Mestres da Sé, de boa escola maneirista, até imagens importadas, do Barroco espanhol, com as de São Francisco Xavier e as do Calvário. Posteriores aos jesuítas, e para ali trazidas pelas respetivas irmandades, são as imagens do Senhor dos Passos, vinda do extinto convento da Graça, e a de N.ª S.ª do Carmo, hoje no altar-mor, de roca e vestida com belos tecidos bordados a ouro. De realçar ainda no conjunto decorativo: os lambris de algumas capelas, ao gosto indo-português com embutidos de madeira de cedro e jacarandá; um esquiife andor, em forma de nau, para a exposição da imagem da Virgem morta, no dia da Ascensão de Nossa Senhora, festa maior dos Jesuítas; e o conjunto de relicários expostos nos nichos do transepto.

A igreja do Colégio sobressai em Angra pela sua imponência e pela beleza do seu interior, ao visitá-la não poderemos esquecer o seu significado cultural e religioso, sem isso, perde o fascínio.

JOSÉ GUILHERME REIS LEITE  
INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA  
guilhermereisleite@gmail.com



## Beato João Baptista Machado

Nascido em Angra, cerca de 1580, numa família nobre, ainda criança ambicionou tornar-se missionário no Japão. Aderiu por isso à Companhia de Jesus, onde professou depois de formação em Coimbra e Lisboa. Partiu para o Oriente em 1601, dedicando-se primeiro em Goa ao estudo e ao ensino no Colégio de São Paulo, passando depois a Macau, para finalmente em 1609 alcançar o sonhado Japão onde se devotou à evangelização. Expulsos os jesuítas, em 1614, ele e outros companheiros recusaram-se a partir e ficaram escondidos entre os conversos japoneses, acabando presos e martirizados em 1617. Foi beatificado em 1867 pelo Papa Pio IX, transformando-o no único açoriano a receber tal honra.

PROMOTOR



Governo dos Açores  
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direção Regional da Cultura